

A arte como meio de expressão de sentimentos vividos por profissionais na área da educação especial

Cenise Maria Veigas Martins
Eduardo José Manzini

Como citar: MARTINS, C. M. V.; MANZINI, E. J. A arte como meio de expressão de sentimentos vividos por profissionais na área da educação especial. *In:* MANZINI, E. J.; BRANCATTI, P. R. (org.). **Educação Especial e Estigma:** corporeidade, sexualidade e expressão artística. Marília: Unesp Marília Publicações, 1999. p. 183-198. DOI:
<https://10.36311/1999.978-85-86738-07-7.p183-198>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A ARTE COMO MEIO DE EXPRESSÃO DE SENTIMENTOS VIVIDOS POR PROFISSIONAIS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL¹

Cenise Maria Veiga MARTINS²

Eduardo José MANZINI³

Os cuidados despendidos no processo de desenvolvimento da pessoa com deficiência são variados. Esses cuidados exigem da família e do profissional especializado uma grande dedicação.

Nesse contexto, vale observar que a pessoa deficiente tem dois pontos de apoio: a família e o profissional especializado. No entanto, a família, na maioria das vezes, passa, inicialmente, por um processo de desestruturação. Este fato a torna também cliente, que acaba por compartilhar suas dificuldades e sentimentos, transferindo responsabilidades para o profissional.

Esse profissional, na tentativa de assumir sua responsabilidade, que por formação e experiência lhe compete, passa a ser o alvo de descargas emocionais. Essas descargas emocionais podem ser extravasadas ou incorporadas. No caso dessa segunda hipótese, podem estar presentes os sentimentos de onipotência que acabam por velar sentimentos que se referem a esse processo.

Estudos, congressos, encontros científicos e no dia a dia de atendimento, o que se encontra relativo ao profissional da área de educação especial, são orientações teóricas para a prática de atendimento, desenvolvimento científico cada vez mais apurado, cobranças de melhor atuação, enfim, exigências

¹ Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Educação Especial - Unesp - Campus de Presidente Prudente, Unesp/Capes/PROESP, 1997/1998. Agradecemos as sugestões da professora Lígia Maria Presumido Braccialli durante revisão final.

² Professora de Arte-terapia e aluna do Curso de Especialização em Educação Especial.

³ Departamento de Educação Especial - Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus de Marília e orientador do presente trabalho.

e expectativas enfocando o atendimento ao deficiente. Pouco enfoque é dado ao profissional enquanto pessoa: aquele que pensa, age e sente.

Nenhuma teoria consegue explicar o ser humano em sua totalidade. As teorias existem e são imensamente úteis e necessárias para compreendermos a vida. Mas não substituem ou esgotam a singularidade de cada um de nós. Nem nos ensinam como nos relacionarmos. Apenas apontam caminhos que precisarão ser percorridos ao mergulharmos no desconhecido de nossas experiências (Cardella, 1997/1998).

Em meio a tantas exigências e bombardeamento por um fluxo contínuo e ininterrupto de informações, o profissional, muitas vezes, não reconhece seus verdadeiros sentimentos em relação à deficiência, nem tampouco tem espaço para isso. Podem perceber atitudes que dificultam e prejudicam o desenvolvimento do trabalho sem dar conta do que é que está provocando esse desarranjo.

Interpretando de outra forma, o profissional, ao relacionar-se com a deficiência, pode ultrapassar seus limites de tolerância a sentimentos negativos, uma vez que está empenhada a se doar por inteiro, a atender com eficiência, a solucionar os problemas. Porém, os limites de assimilação da descarga emocional podem acabar por diminuir o desempenho profissional que, por conseqüência, pode levar ao desânimo ou a frustração.

Desta forma, é importante estar atento às emoções para determinar alternativas de trabalho para se proteger de sentimentos perturbadores. Além disso, as emoções fornecem dados importantes sobre o entendimento das próprias ações. Ignorar ou negar as emoções significa privar-se da capacidade de agir por meio delas (Weinsinger, 1997).

Essa busca de entrar em contato com os sentimentos, de reconhecê-los e aprender a lidar com eles foi definida por estudiosos da área de inteligência emocional (Goleman, 1997, Weinsinger, 1997). Para essa linha teórica, quatro componentes dariam origem a inteligência emocional: 1) capacidade de perceber, avaliar e expressar corretamente uma emoção; 2) capacidade de gerar ou ter acesso a sentimentos quando eles puderem facilitar a compreensão de si e de outros; 3)

a capacidade de compreender as emoções e o conhecimento derivado delas; 4) a capacidade de controlar as próprias emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.

Mediante essas considerações, enfocaremos, nesse trabalho, o profissional da área de educação especial como ator principal e, as emoções desse profissional, como sendo a mola do movimento de uma peça de arte. Por meio dessas emoções tentamos abrir as cortinas para mostrar o cenário que possibilitará ao personagem estreitar sua verdadeira performance.

Possibilidades de experienciar sentimentos por meio da arte

A arte, embora pareça simples, pode se constituir em um ato profundo, no qual se pinta, desenha, esculpi, modela, representando, plasticamente, as emoções que vivem na mente inconsciente (Pain, Jarreau, 1996, Bello, 1997).

É uma forma de manifestação lúdica, de fácil acesso, que ajuda a liberar autenticidade, espontaneidade, oferecendo meios para expor, comunicar, aprender e reconhecer verdadeiros sentimentos. Através do que é construído numa obra de arte é possível visualizar, com clareza, aquilo que está velado e escondido dentro do ser humano.

A arte, nesse contexto, não mostra segredos no uso de materiais; respeita particularidades no uso das cores e das formas para representar imagens. Não tem valor estético; não aponta certo ou errado, se apresenta em variadas técnicas, transforma o velho em novo e constrói o nada em tudo. Assim é possível liberar e expor sentimentos com maior naturalidade.

Por meio da arte é possível falar, escutar, ver, tocar e, principalmente, compreender.

Concebendo a arte dessa forma, desenvolvemos o presente trabalho. Nele tentamos buscar a expressão emocional de profissionais que trabalham com educação especial.

Dessa forma, a arte, aqui, é apresentada como um caminho para ajudar o profissional da área de educação especial expor seus sentimentos relativos ao aluno deficiente, ao atendimento a esse aluno e às vivências emocionais do dia a dia em uma instituição especializada para pessoas com deficiência.

Desenvolvimento do estudo

O estudo em questão foi desenvolvido em três encontros com um grupo de profissionais que trabalhava em uma APAE, no interior do Estado de São Paulo. Esse grupo foi composto por 11 profissionais: uma fonoaudióloga; uma psicóloga; uma fisioterapeuta; uma coordenadora pedagógica; duas atendentes de enfermagem e cinco professoras (educação artística, educação física, educação musical e duas professoras de ensino básico). Cada encontro, ocorrido na própria APAE, teve duração de duas horas. Cabe salientar que, no ínterim do segundo para o terceiro encontro, houve mudança na direção. O trabalho prosseguiu normalmente, sendo que passou a compor o grupo, a própria diretora.

Para a realização das atividades de expressão artística foram utilizados materiais diversificados: papel; tinta; giz de cera; argila; entre outros, a serem descritos em cada um dos encontros.

As atividades que nortearam a dinâmica dos encontros foram planejadas, antecipadamente, por meio de um roteiro:

- 1 *Apresentação do trabalho do dia*: colocação dos objetivos e possíveis reflexões, superficialmente citadas para não induzir, demasiadamente, a reflexão em grupo;
- 2 *Aquecimento*: preparação para as atividades; momento no qual levantavam-se algumas questões sobre o objetivo geral;
- 3 *Dinâmica*: trabalhou com a linha principal do encontro, ou seja, o objetivo específico;
- 4 *Fechamento*: momento para compartilhar o que foi vivido durante o encontro, explicitando as mensagens, seguido de reflexão e trocas, colaborando com idéias e apontando novas possibilidades;

5 Resultados e conclusão: registro daquilo que foi percebido.

Atividades desenvolvidas no primeiro encontro

Nesse primeiro encontro foi necessário proceder uma *apresentação* sobre a natureza do trabalho, seus objetivos, e incentivar os profissionais no sentido de participação.

Foi colocado que eles, os profissionais da instituição especializada, seriam a base de sustentação do trabalho a ser desenvolvido. Assim, a base nunca deveria ser esquecida, pelo contrário, deveria ser reforçada, deveria ser incentivada a desenvolver-se, deveria ser cuidada. Com esses cuidados, a base poderia adquirir solidez, consistência, segurança, para que, a partir dela, muito pudesse ser construído.

Foi colocada a hipótese de trabalho: ter um espaço para expressar sentimentos, evocar verdadeiras emoções através da arte encorajando o profissional a expressar quaisquer sentimentos ou reações que tivessem relação com o cotidiano.

A expressão honesta de todas as emoções, progressivamente, serviria como apoio e estímulo para um contato autêntico com os outros profissionais e, principalmente, com a clientela atendida: crianças com deficiência.

Ao expor o projeto, deixou-se espaço aberto para possíveis questionamentos e colocações. As propostas foram bem recebidas e enaltecidas. Diante desse fato, foi colocada a necessidade de participação de cada profissional presente e foi sugerido um compromisso do grupo, materializado na forma de um *contrato*.

O contrato em grupo é uma das maneiras para se criar um ambiente onde as pessoas se sintam seguras, conversando sobre seus sentimentos e expressando impulsos reprimidos (Bello, 1996). Nesse contrato ficou estabelecido: 1) que a participação de cada um seria importante, mas não obrigatório; 2) para que uma experiência fosse significativa seria preciso viver os momentos plenamente, expressando tudo aquilo que estivesse sentindo; 3) manter sigilo

dos nomes das pessoas por se tratar de sentimentos pessoais e profundos; 4) não haveria interpretação do trabalho, ou esta interpretação se daria pelo próprio participante no âmbito do grupo; 5) o trabalho não teria valor estético, não haveria julgamento de valor.

Após esse contrato iniciou-se a primeira dinâmica. O tema proposto foi *reconhecendo sentimentos*, com o objetivo de evocar emoções gerais, defini-las, e listá-las em amplo leque de sentimentos subjacentes.

Para tanto, foi utilizado um aparelho de som para CD e apresentadas músicas de *jazz* e *new age*. Também foram utilizados diversos materiais, tais como: folha sulfite; anilina (dissolvida em álcool), copos descartáveis, jornal para apoiar as folhas de papel sulfite a serem utilizadas sobre o chão.

O *aquecimento* foi feito através dos ritmos musicais e as participantes comparavam o ritmo da música com o próprio ritmo orgânico. As músicas apresentadas seguiram a seqüência: lenta; rápida e lenta. Ao som da música, as participantes caminhavam pela sala buscando harmonia com o ritmo. A música era interrompida e o corpo deveria também se imobilizar e, nesse momento de silêncio, eram feitas reflexões comparativas às sensações entre o corpo em movimento e o corpo imóvel.

Outra tarefa era comparar os estados do corpo com o ritmo do cotidiano. Algumas questões foram levantadas: como era estar no movimento do mundo? Com qual ritmo das músicas apresentadas se identificavam? Em cada ritmo, qual a sensação ou sentimento evocado?

Após o aquecimento, as participantes escolheram um lugar na sala e, de olhos fechados, imaginaram um relógio de 24 horas contendo as sensações e sentimentos vividos por elas.

A partir dessa experiência, munidos de giz de cera e papel sulfite concretizaram e deram forma as imagens experienciada e, junto a ela, listaram os sentimentos e sensações em cada momento do dia que visualizaram no relógio.

Formou-se um círculo, e cada participante falou de sua vivência, do início até o momento presente.

Após esse aquecimento passou-se para a *dinâmica* do primeiro encontro.

Antes de iniciar a atividade, foram informadas sobre o material a ser utilizado, ou seja, a composição e uso da anilina.

Foi-lhes informado que a anilina existe em estado sólido (pó) ou em líquido, sendo este último estado utilizado para tingimento. Aquela dissolvida em água é, geralmente, comestível, usada em bolos e doce. Já a dissolvida em álcool é usada para tingimentos, sendo necessário cuidado para o manuseio, pois se corre o risco de manchar tecidos, e outros materiais. Uma outra característica é que a anilina em pó apresenta uma cor que, quando dissolvida em álcool, pode modificar-se. Portanto, seria importante, ao escolher a anilina, ler as instruções escritas no frasco, possibilitando, assim, a escolha da cor desejada.

Também as participantes foram informadas de que a anilina possui como característica uma secagem rápida que, ao ser diluída, desliza com facilidade na folha sulfite, além de ser um recurso com riqueza de conteúdo. Seu fácil manuseio, efeitos coloridos e aparecimento de imagens inesperadas facilitam a livre expressão e autenticidade da obra.

Após essas informações, foram orientadas quanto à realização dos exercícios: realizar quatro trabalhos com a anilina. Os três primeiros poderiam usar duas cores, ou seja, para cada trabalho usar duas cores diferentes, totalizando seis cores. No quarto trabalho utilizar as cores desejadas.

Utilizando um copo descartável deveriam misturar o álcool com a cor da tinta escolhida, verificando a tonalidade desejada.

Depois de preparar a tonalidade desejada, deveriam jogar a tinta no papel sulfite, fazendo movimentos com a folha, deixando-a escorrer na sua superfície.

Ficaria a critério de cada uma não só a escolha das cores, mas também a forma de escorrer no papel.

Por ser um material que pode provocar manchas, o trabalho foi realizado fora da sala de reuniões, usando-se de jornais para forrar o chão.

Em todos os momentos da atividade foi pontuada, verbalmente, a importância do silêncio. Durante o exercício, foram estimuladas a perceberem a transformação da anilina de seu estado natural para o líquido, as transformações da cor, o derramar da tinta sobre o papel, o encontro de uma tinta com outra. Ao constatar essas mudanças, deveriam estar observando os sentimentos que as transformações da anilina provocavam, ou seja, as sensações e sentimentos tanto agradáveis como desagradáveis. Assim, a dinâmica dava oportunidade para as participantes experimentarem uma nova aprendizagem, uma nova experiência.

Já na sala, depois de realizado a tarefa, observaram o próprio trabalho, depois o trabalho das demais participantes. Foram estimuladas a acessarem os sentimentos subjacentes, arrolando, por escrito, as emoções evocadas.

Posteriormente, construíram um livro. Dobrando ao meio as folhas de sulfite tingidas, imitando um caderno de brochura, cada profissional confeccionou um livro: *o livro dos sentimentos*.

Nas capas era grafado o nome do livro. Na primeira página definiram *sentimento*. Na página seguinte listaram os sentimentos e sensações evocadas durante a realização da obra. Nas outras páginas que seguiam, de forma livre, estimuladas a não se preocuparem com caligrafia, gramática, seqüência de frases ou coisas parecidas que pudessem bloquear seu movimento de escrita e reprimir e limitar seus pensamentos escreveram o conteúdo desejado.

No quadro abaixo, estão registrados os três primeiros tópicos do *livro dos sentimentos*. O quarto tópico, referente à escrita livre, não foi registrado aqui, pois nessa última página as participantes retrataram coisas íntimas, e a apresentação dessas informações quebraria nosso contrato. Aqui, o que importa é que elas tiveram oportunidade de expor seus sentimentos.

Quadro 1 – Sentimentos relacionados.

Nome do livro	Definição de sentimento	Lista de sentimentos
Meus sentimentos	Sentimento é estar ativo.	Alegria, prazer, amor, tristeza, frustração, sonhar, raiva, saudade.
Sonho	Afeto, amor.	Afeto, amor, carinho, tristeza, sonho, solidário, humildade, angústia, ódio, esperança.
Sentir através de cor "Retrato de um dia"	É vida, é o seu dia a dia, o que você sente desde que acorda até ir deitar.	Alegria, raiva, culpa, paz, felicidade, nervoso, calma, medo, tristeza, frustração, prazer, tranquilidade, cansaço, paciência, necessidade.
Paz	Esperança, amor, paz, união, alegria, felicidade.	Amor, alegria.
Emoções	É tudo que vivenciamos, é a resposta do nosso coração para acontecimentos do dia a dia.	Alegria, tristeza, raiva, indecisão, decisão, dúvida, medo, fadiga, paz.
Magia	Sentir é viver	Amar, sonhar, paz, sinceridade, harmonia, esperança, respeito, amizade, sorriso, felicidade, alegria, sonhar.
Esperança	Sentimentos é tudo que mexe com o corpo, a alma, são emoções.	Amor, tristeza, felicidade, esperança, compreensão, harmonia, angústia, raiva, fé.
Eu	Todas as sensações que vivenciamos, interiormente, e que consciente ou inconsciente exteriorizamos.	Amor, felicidade, paz, ansiedade, angústia, prazer, esperanças, segurança, confiança, paixão, saudade, amizade.
Degraus da vida	Sentimento é o estado de espírito que cada pessoa demonstra em vários momentos de sua vida.	Medo, paixão, amor, liberdade, sonhos, ilusões, alegria, tristeza, raiva, compaixão.

No *fechamento* foi feito um círculo e cada participante ficou a vontade para relatar e compartilhar sua vivência naquele encontro.

Em círculo e de mãos dadas, fecharam os olhos e pensaram em uma cor que transmitisse sensações agradáveis e uma outra que lembrasse coisas ruins. Ao inspirar, levaria para dentro de si a cor agradável e, ao contrário, ao expirar, colocariam para fora aquela cor que escolheram como sensações desagradáveis. Repetiram três vezes esse mesmo exercício.

Foram convidadas a deixarem apenas a cor agradável dentro de si, transmitindo essa cor em forma de energia por meio das mãos. Assim, foram se despedindo, soltando as mãos lentamente.

Resultados e conclusão do primeiro encontro

Na atividade do relógio, ao listar os sentimentos, as profissionais levantaram a questão de que no dia a dia não possuem um tempo para elas.

Outra questão foi que perceberam que, durante o dia, é possível experimentar vários sentimentos, mas é preciso ter consciência dos mesmos.

Já com o manuseio da anilina, chamaram atenção quanto ao efeito da anilina no papel, verbalizando sua surpresa dos resultados obtidos, sem muito esforço, dizendo serem artistas.

Duas participantes deixaram de compartilhar suas idéias com as demais no momento do fechamento.

Por final, exaltaram a importância de um trabalho dessa natureza, dirigido ao profissional da instituição.

Um dado conclusivo é captado no momento do fechamento, quando as participantes compartilhavam suas vivências. Duas das profissionais se expressaram diferentemente: uma por meio de choro, outra por meio de riso. Aquela que chorava, verbalizou que o trabalho *a tocou internamente e que há muito tempo não sentia tais emoções*. Já outra, mostrando aparente sorriso, muitas vezes chegando a gargalhadas, relatou sua dificuldade em falar em grupo. Relatou que, às vezes, quando se encontra angustiada, nervosa age dessa forma: sorrindo.

Isso parece apontar para o fato de que os sentimentos só serão revelados, num sentido verdadeiro, se a própria pessoa puder defini-lo. O que tem sentido negativo para um, para o outro, pode significar algo positivo.

Atividades desenvolvidas no segundo encontro

O segundo encontro teve como tema os *cinco sentidos: um canal de informação para sensações e sentimentos*. O objetivo desse encontro foi possibilitar às profissionais utilizarem e perceberem a importância dos cinco sentidos, como um canal direto de comunicação dos sentimentos.

O *aquecimento* foi realizado com música. Desde o início foi pedido para as participantes atentarem para as sensações e sentimentos evocados no decorrer do trabalho. Ouvindo a música num ritmo lento, andaram pela sala criando diferentes formas *para acordar o corpo*.

Explorando os movimentos, ainda andando pela sala, uma representava um gesto e as demais imitavam. Além de repetir os movimentos, agora com a música mais rápida, deveriam acompanhá-la.

Este exercício foi repetido até dar oportunidade a todas as participantes serem alvo da imitação.

A *dinâmica* que se seguiu, foi constituída em três atividades. A primeiro tinha o nome de *eu vejo que...Eu imagino que...*

Essa atividade possibilitaria atentar para a observação e, principalmente, para discernir coisas que os olhos, verdadeiramente, vêem, e aquilo que se imagina.

Em pé, posicionadas em círculo, as participantes passavam uma bola para a colega ao lado, dizendo que o *vía* da colega e o que *imaginava*. A atividade foi finalizada quando todas puderam vivenciar essa brincadeira.

Na atividade seguinte foram utilizados os seguintes materiais: chá, café, dois lenços usados como venda, duas caixas cheias de objetos. O tema da atividade foi *utilizando os cinco sentidos*.

O grupo foi dividido em duas equipes: do chá e do café. Cada participante, de olhos vendados, recebia um copinho de chá ou café, com o intuito de adivinhar o que era. Cheiraram, tocaram, observaram a temperatura, sentiram o paladar procurando adivinhar.

Sentados no chão e em círculo, passou-se à atividade seguinte.

Alguns componentes das equipes ficariam com os olhos vendados. Foram colocadas duas caixas cheias de objetos no centro do círculo. Cada equipe escolheria objetos que deveriam ser passados para reconhecimento para a pessoa da equipe adversária. Este pessoa, com os olhos vendados e de costas para a sua equipe, deveria descrever qual era o objeto.

Cada equipe cuidava de sua caixa para que a outra equipe não descobrisse os objetos ali existentes.

Após explorarem os objetos com as mãos, passaram a sentir os objetos com os pés e depois com o rosto. No rosto, outra pessoa era designada para passar objeto.

A terceira atividade teve como tema *percebendo o outro*. Foi utilizado giz de cera e papel sulfite. Com giz de cera, tentaram passar, da forma mais autêntica possível com riqueza de detalhes, aquilo que foi observado. Depois disso, colocaram seu ponto de vista e particularidade.

O fechamento foi realizado na posição sentada. As participantes, posicionadas em círculo, uma de costas para a outra, ao som de uma música, tocaram os ombros, os braços e as costas da colega da frente.

Ao mesmo tempo em que tocavam a outra, eram também tocadas. Depois de um tempo, viraram de posição e foram tocadas por aquela que havia tocado no início. Aqui, literalmente, tocaram e trocaram toques.

Resultados e conclusão do segundo encontro

Nesse encontro as participantes estiveram muito próximas, num sentido de equipe, e também relataram descontração do trabalho facilitando a participação.

Uma outra consideração foi que uma das participantes reclamou que não gostava de café e, na hora da divisão do grupo, teve que experimentá-lo. Essa vivência despertou a lembrança de uma situação particular do seu cotidiano de trabalho. Relatou sua dificuldade em trabalhar com um aluno cego quanto à questão do paladar. Esse aluno não gostava de comer carne e ela tentava enganá-lo durante as refeições, dizendo não haver carne em seu prato.

Aqui, foi possível concluir que é de extrema importância o trabalho em equipe, para que haja afinidade e compreensão. Esse tipo de dinâmica parece possibilitar ouvir e perceber o outro, livre de críticas, despojando seus verdadeiros sentimentos.

Para entender a si próprio e ao outro é importante vivenciar experiências que possibilitem utilizar e sensibilizar os cinco sentidos, tornando-

nos mais sensíveis a tudo que nos cerca. Isso faz enxergar as dificuldades do outro de forma mais amena.

Atividades desenvolvidas no terceiro encontro

O tema dessa última reunião foi *o encontro dos sentimentos*. O objetivo foi o de evocar sentimentos relacionados à vivência junto aos alunos com os quais os profissionais trabalhavam, ou seja, pessoas com deficiência.

Os materiais utilizados foram: jornais; argila; folha sulfite; giz de cera; caixinha de jóia com um espelho na parte interna; caixa de fósforos. Foram realizadas três atividades: uma utilizando argila, outra utilizando escrita, e outra utilizando a caixa de fósforos.

Nesse terceiro encontro foi feita uma *apresentação* visando motivar e encorajar os participantes para entrar em contato com os sentimentos vividos em relação ao deficiente. Foi colocado que isto não seria uma tarefa fácil, mas que em todos os encontros, desde o início, estávamos buscando compreender nossos sentimentos e emoções.

O *aquecimento* foi feito ao som de uma música suave, em pé e em círculo, com os olhos fechados. As participantes se concentraram, por alguns minutos, em seu dia e nos sentimentos e sensações que vivenciaram, desde o acordar até o momento que ali se encontravam.

Depois disso, respeitando seu tempo, foram convidadas a abrir os olhos e procurar um lugar especial na sala. Um lugar que se sentissem à vontade.

Ainda em silêncio, estabelecendo contato com seus sentimentos, foi pedido para que fizessem uma associação entre esses sentimentos, hora levantados, com os sentimentos vividos por elas quanto ao seu trabalho, quando estavam em contato com o aluno com deficiência.

A *dinâmica* foi norteadada pelo manuseio de argila.

Sem regras, sem orientação e definição sobre a quantidade de argila utilizada, representaram os sentimentos listados no momento do aquecimento.

O tempo para essa atividade foi respeitado até que todas as participantes terminaram seu trabalho.

Finalizando a representação com o barro, foi aberto um espaço para observarem o próprio trabalho e o do outro.

Partindo para a atividade seguinte, foi pedido para conscientizarem os próprios sentimentos escolhendo uma cor de giz de cera que representasse o seu trabalho. A partir daí, com giz de cera e sulfite, representaram graficamente (escrevendo) sua percepção da situação que vivenciaram ao manusear a argila.

O fechamento dessa atividade foi feito em grupo. Cada participante falou da maneira como construiu, sentiu e expressou os sentimentos na obra de argila.

Na terceira atividade, antes de iniciá-la, foram ditadas algumas regras necessárias para o entendimento e bom andamento da dinâmica: 1) uma caixa de fósforos e um cinzeiro passariam pela mão de cada participante; 2) seria aceso um fósforo; 3) ao acendê-lo citaria um fato alegre, um triste, por fim, uma expectativa; 4) o tempo de cada uma seria o tempo que a chama permaneceria acesa. Assim que se apagasse, a pessoa não mais verbalizaria, passaria o fósforo para a próxima participante.

Sendo este o último encontro, a parte final teve um tempo de duração maior.

Após todas terem vivido a experiência do acender ao fósforo, e ter oportunidade de colocar sua tristeza, alegria e expectativa foi dado seguimento ao trabalho entrando na parte final.

Neste momento, todas permaneceram no mesmo lugar que estavam e foram convidadas a fecharem os olhos. A música nesta hora tinha o volume um pouco mais alto.

Nesta hora, concomitantemente, as palavras sobre o limite do próprio profissional, dos seus sentimentos e o respeito por eles, distribuía-se as caixinhas

de jóia colocando-as ao lado de cada peça de argila que esta à frente dos profissionais. Quando se completou a distribuição das caixinhas foi citada a importância da arte nesse processo de reconhecimento do próprio sentimento, muitas das vezes escondido, e da contribuição que ela oferece, facilitando a compreensão do seu próprio eu, encontrando suas respostas em imagens.

Em tempo próprio, foram convidadas a abrirem os olhos e informadas da caixinha. Antes de abri-las, foi dito o quão valioso era aquilo e que era o que cada um tinha de mais precioso na vida.

Considerações finais

É preciso considerar que esse trabalho, mesmo com resultados relatados, não foi suficiente para atingir completamente o profissional e seus sentimentos.

Falar de sentimento, reconhecê-los e transformá-los é um caminho longo a ser percorrido. Portanto, é adequado que se trabalhe durante um período maior, com intervalos menores, entre um encontro para o outro.

A disponibilidade, à vontade, a garra e, principalmente, a confiança que essas profissionais depositaram no trabalho, tornou possível a prática dessas idéias e palavras, deixando-as sair do papel transformando-se em realidade vivenciada.

Referências Bibliográficas

- BELLO, S. *Pintando sua alma: método de desenvolvimento da personalidade criativa*, 1997.
- CARDELLA, B. A arte de ajudar. *Arte-terapia: reflexões* (São Paulo), v. 3, n. 2, 1997/1998
- GOLEMAN, D. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- PAIN, S., JARREAU, G. *Teoria e técnica da arte-terapia: a compreensão do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- WEINSINGER, H. *Inteligência emocional no trabalho*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.